

Brasil negocia ajuda financeira do Fed

O governo FHC não deve anunciar um acordo antes das eleições do próximo dia 4

Economia - Brasil

Reuters

O Brasil definiu as linhas gerais de um acordo com agências multilaterais de empréstimo, inclusive com o Fundo Monetário Internacional, e está em conversações informais com o Federal Reserve, dos EUA, sobre a contingência de um serviço de crédito, segundo economistas com sede nos EUA.

Mas o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso provavelmente não anunciará nenhum acordo deste tipo antes das eleições presidenciais, em 4 de outubro, devido à impopularidade no Brasil dos programas monitorados pelo FMI, afirmam os analistas.

O Brasil "fez o trabalho de fundo para o acordo final, que poderá ocorrer depois das eleições," afirmou Carl Ross, diretor-gerente da área de pesquisa de riscos soberanos na Bear Stearns & Co.

O Brasil "tem procurado assistência técnica para um pacote fiscal, e possui um acordo tácito para sua abordagem" com o FMI, afirmou Joe Petry, economista-chefe para a América Latina na Citicorp Securities. "Mas o governo gostaria muito de anunciá-lo apenas depois das eleições, se possível", acrescentou.

A especulação do mercado se concentrou em um pacote de ajuda de bases amplas para os países emergentes de todo o mundo, concedido pelo G-7 (os sete países mais ricos). Mas os economistas norte-americanos afirmam que os esforços das agências multilaterais e dos EUA estariam mais concentrados no Brasil, a maior economia da América Latina.

Negociações

Além da ajuda do FMI para o Brasil, houve algumas discussões "sobre a possibilidade de uma linha de 'swap' no Fed, semelhante à que foi feita para o México", comentou Petry, acrescentando ter falado com pessoas em Washington, próximas aos trabalhos do Fed e do Tesouro.

O presidente do Fed de Nova York, William McDonough, não quis fazer qualquer comentário sobre um pacote para os mercados emergentes.

As negociações sobre a linha de "swap" do Fed ainda são prelimina-

res, e podem não ser anunciadas se a situação fiscal do Brasil melhorar, afirmou Petry. Mas poderão ser rapidamente finalizadas em caso de urgência, acrescentou. "Há evidências suficientes de que o Fed se preocupa com o Brasil e com seu impacto potencial nos bancos norte-americanos."

Os economistas disseram que parte dos fundos provavelmente virá do Fundo de Estabilização Cambial (Exchange Stabilisation Fund - ESF) do Tesouro dos EUA, um serviço de crédito concebido para fornecer empréstimos a entidades estrangeiras.

John Welch, economista-chefe para a América Latina no Paribas, declarou que as discussões em Washington apontam para um pacote multilateral que poderá ser de aproximadamente US\$ 15 bilhões, provenientes do FMI, em créditos "stand-by", e mais US\$ 10 bilhões do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O Banco Interamericano anunciou que poderá aprovar hoje um empréstimo de US\$ 1,1 bilhão para

o Brasil, o maior empréstimo já concedido pela instituição.

Os responsáveis pelo assunto no governo brasileiro dão informações desencontradas sobre a assistência financeira, afirmam economistas com sede nos EUA. Na imprensa brasileira, estes técnicos do governo enfatizam que não pediram dinheiro ao FMI, e um técnico responsável pelo setor monetário, nos EUA, confirmou a informação na terça-feira.

A especulação do mercado se concentrou em um pacote de ajuda para os países emergentes concedido pelo G-7

Mas, ao mesmo tempo, o Brasil informou aos investidores internacionais que tem preparados acordos informais para ajuda financeira de emergência com o FMI, ligados à reforma fiscal. O momento para o pedido formal pode ser uma questão de conveniência política, afirmam os analistas.

A especulação de mercado tem si-

do intensa, com relação ao amplo pacote de ajuda para os mercados emergentes, reunido pelos países do G-7. Mas, segundo os economistas norte-americanos, é mais provável que este tipo de especulação seja baseada apenas em desejos, e não em fatos. Um pacote assim exuberante também foi desmentido pelos responsáveis governamentais de vários países, inclusive do Reino Unido, da Alemanha e dos EUA. O Tesouro do Reino Unido, na terça-feira, informou não estar informado sobre qualquer acordo deste tipo.

Os economistas dos EUA disseram que Washington e as agências multilaterais limitarão qualquer programa de assistência financeira para o Brasil — a maior economia da América Latina e peça-chave para a estabilidade financeira da região.

"É um pacote específico para o Brasil", afirmou Petry, do Citicorp. Ele observou que a Argentina tem, de fato, tentando pagar as dívidas vencidas e não-pagas com o FMI, e busca financiamentos no Banco Mundial, no BID, no Import-Export Bank e também junto a fundos de pensão locais.

23 SET 1998

GAZETA MERCANTIL